ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

2ª SERIE

Nº 8

Director—CARLOS MALHEIRO DIAS

100 réis

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA **Illustração Portugueza**

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias, inaugura hoje uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas cathegorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho (professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc).

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero, e será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta (com todas as indicações bem legiveis) mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro, esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação.... 1$000 réis 4 publicações.... 2$500 réis
Annuncios commerciaes, uma publicação...... 800 réis 4 publicações... 2$000 réis

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta feira de cada semana.

CASA NOVAES

156, Rua da Palma, 160

(JUNTO AO THEATRO DO PRINCIPE REAL)

Espelhos de todas as qualidades. Molduras em todos os estylos. Estampas em todos os formatos com imagens e outros assumptos. Estudos para bordados e amadores de pintura. Retratos a crayon e a oleo. Colortypos. Chromos e bilhetes postaes illustrados. Objectos para brindes, sempre novidades. Sabonetes e perfumarias dos melhores perfumistas estrangeiros. Malinhas e bolsas para senhoras. Carteiras, cigarreiras e tabaqueiras. Gravatas em todos os generos e feitios. Brinquedos para crianças. Preços sem competencia.

Todos os dias se dão senhas do BONUS UNIVERSAL.

PÃO PARA DIABETICOS

Massas para sopa, farinha, chocolate, biscoitos, assucar de saude, etc. Tudo de pura Gluten do dr. Charrasse, de Marselha, medico especialista.

Chegou nova remessa d'estes magnificos productos, unicos de que devem fazer uso exclusivo os doentes, certificando-se assim dos bons resultados.

Dias, Costa & Costa

76, Rua Garrett, (Chiado), 78

TELEPHONE 383

LOPES DA SILVA

Medico especialista em doenças de bocca e collocação de dentes artificiaes. Extracção de dentes.

Consultas das 9 da manhã ás 6 da tarde, Rua do Ouro, 149.

REINO DA SAXONIA

Technico Mittweida

DIRECTOR: **Prof. A. Holzt**

Instituto de 1.ª ordem para estudo da engenheria mechanica e electr. Possue tambem laboratorios para mechanica e electrica bem como uma fabrica para o estudo pratico. Frequentaram no 36.º anno: 3:610 estudantes. *Para programmas, etc., dirigir-se ao secretariato.*

Bueno Romera

Cirurgião-dentista

Tratamento de doenças de bocca. Collocação de dentaduras artificiaes.
CONSULTORIO — **Calçada do Combro, 32, 1.º**, (vulgo Paulistas) — LISBOA.

CACAU S. THOMÉ

MARCA NEGRITO

EM PO IMPALPAVEL

Garantido puro sem mistura

Este magnifico producto **garantido puro** e eminentemente nutritivo, de muito facil digestão, magnifico paladar e constitue um alimento indispensavel e altamente substancioso para as creanças e convalescentes.

E' um tonico precioso, que todos devem tomar de manhã.

Para exportação ha sempre stock na alfandega.

Venda a retalho, nas principaes mercearias, confeitarias e lojas de chá aos seguintes preços:

Em pacotes	de	125	grammas a	225	réis
»	»	» 250	»	» 450	»
»	»	» 500	»	» 900	»
»	latas	» 125	»	» 275	»
»	»	» 250	»	» 525	»
»	»	» 500	»	» 1$050	»

Agentes geraes, para Portugal e colonias

Zickermann & Muller

LISBOA

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS

Viuva Thiago da Silva & C.ª

Estabelecimento de ferragens nacionaes e estrangeiras — 94, Praça de D. Pedro 95 — Officinas de serralheiro, dourador, metaes e nickelagem. — **Rua de Santo Antão, 2-A.**

Union Maritime e Mannheim

Companhia de seguros postaes maritimos e de transportes de qualquer natureza. — Directores em Lisboa: **LIMA MAYER & C.ª — 59, Rua da Prata, 1.**

Uma sorte de prestidigitação

que todos podem fazer, ficando a rir-se de quem a não fizer, é simples: No meio dos infortunios da vida, colloca-se um individuo, triste, pobre, miseravel, rôto, quasi nú; cobre-se com um bilhete da loteria comprado na casa Campião & C.ª, rua do Amparo, 118; passado um instante, chama-se a attenção de todos; e agora, uma duas, tres, anda

a roda; sae a lista... **ZÁZ**... descobre-se o individuo, triste, pobre, miseravel, rôto e quasi nú... e tendes, meus senhores: Um homem esbelto, riquissimo, alegre e feliz. Quereis ser bons prestidigitadores? Corrri lestos ao Campião & C.ª, rua do Amparo, e habilitae-vos para a loteria de Santo Antonio milagreiro que se realisa no dia 12 de Junho sendo o premio maior de 60:000$000. Bilhetes a 30$000 réis, decimos, vigesimos e cautellas.

Ourivesaria e relojoaria Mergulhão

de **Manuel Carlos Mergulhão & C.ª** (titulo registado) — **162, Rua de S. Paulo 162-B, Lisboa** — Com relogio HORAS OFFICIAES á porta.

Extrema barateza ao alcance de todas as bolsas.

A INSUBORDINAÇÃO A BORDO DO CRUZADOR "D. CARLOS"

Um caso, até agora unico, acaba de dar-se na marinha de guerra portugueza. A tripulação do cruzador *D. Carlos* sublevou-se, intimando no dia 8 o tenente sr. Teixeira Marinho a vir a terra declarar que a marinhagem exigia a substituição immediata do commando do navio e ameaçando-o de o lançar ao mar se não consentisse em ser o emissario do seu ultimato insolito.

Reunidas immediatamente no Arsenal as mais altas patentes da marinha de guerra, com a assistencia do ministro e do chefe do governo, foi decidido decretar-se no dia seguinte a passagem do cruzador insubordinado a meio armamento, com ordem á tripulação para desembarcar e recolher a quartel. Encarregado o chefe da divisão de reserva, sr. vice-almirante Moraes e Sousa, de fazer saber a resolução do governo aos insubordinados, estes exigiram a promessa de amnistia para cumprir a ordem de desembarque.

Ao meio dia e meia hora do dia 10, largavam os vapores *Lisbonense* e *Isaura* e o rebocador *Operario* em direcção ao *D. Carlos*, para receberem os 483 homens da sua guarnição e conduzil-os para Alcantara. Logo porém que de bordo do *D. Carlos* perceberam que os tres pequenos vapores para lá se encaminhavam, os marinheiros içaram as escadas de portaló, fecharam o navio e obrigaram o *Lisbonense* a retroceder.

Communicado immediatamente o que se passava ao major general da armada, o vice-almirante sr. Ferreira do Amaral, este pediu a sua espada e, embarcando com os seus ajudantes para bordo do cruzador, intimou energicamente os amotinados a obedecer ás ordens recebidas, dando-lhes apenas o tempo necessario ao regresso dos vapores *Lisbonense* e *Isarra*. Passado esse praso irrevogavel, responderia á violencia com a violencia.

Então. diante d'essa intimação energica, a tripulação rendeu-se sem condições, abandonando o cruzador e seguindo em pelotões para o quartel. D'este triste e memoravel acontecimento, dá hoje a *Illustração Portugueza* aos seus leitores os unicos documentos photographicos que se tornava possivel obter, dado o isolamento em que se mantiveram os sublevados até ao momento da capitulação.

As ultimas notas estatisticas do tratamento anti-rabico no Instituto Bacteriologico Camara Pestana, accusando nos ultimos tempos um crescendo pavoroso na propagação do *virus*, acabam de attrahir de novo a attenção geral para a tarrivel molestia, impondo-se as mais rigorosas medidas para debellar esse flagello.

Á leitura d'essa revelação espantosa que, na irradiação da raiva, dá a Portugal a desoladora superioridade sobre as demais nações, resolvemos procurar n'aquelle estabelecimento verdadeiramente modelo informações sobre a causa d'essa proporção assustadora e, ao mesmo tempo, no intuito mais util e humanitario do que a satisfação de simples curiosidade, inquirir da maneira por que, com o auxilio da imprensa, se poderia contribuir para obstar, diminuir, se impossivel remediar, o terrivel mal.

Confiado á dedicação e competencia do dr. Annibal Bettencourt, o Instituto Bacteriologico de Lisboa é uma instituição scientifica de primeira ordem e uma casa hospitalar, onde, sem alarde nem ostentação, preside um espirito de bondade que mais põe em relevo o altissimo sacerdocio que ali se desempenha. Dois males terriveis: a diphtheria e a raiva para ali arrastam numero consideravel de doentes: creanças na sua maioria. D'ahi o coração ter uma grande parcella nos resultados beneficos alcançados nos tratamentos do Instituto. Os carinhos da familia, em cujos olhos parece prender-se o fio da existencia de uma creança, encontram no coração de pae amantissimo do director do Instituto o mais fiel, o mais dedicado interprete. A sua solicitude e dedicação não conhecem nem hora nem circumstancia. N'essa constante e espinhosa missão tem o dr. Annibal Bettencourt dois poderosos auxiliares: Carlos França e Marck Athias, que, em pleno vigor da mocidade e quando a vida descuidada mais parecia dever-lhes servir, alcançaram já pelos seus trabalhos scientificos e dedicação profissional um logar distincto na classe medica portugueza.

A inoculação do virus n'um coelho

A fundação do Instituto Bacteriologico de Lisboa data de 1892 e assenta sobre os alicerces do antigo convento de Sant'Anna, em cuja crypta se abrigaram os ossos do principe dos poetas portuguezes. Até essa epoca os atacados de raiva iam procurar o remedio ao seu mal ao Instituto Pasteur de Paris. A Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia, cujo retrato do Velloso Salgado occupa o logar de honra da sala das sessões, se deve a rapida conclusão do edificio e as excepcionaes condições do seu plano de construcção. Não permittem as dimensões das suas enfermarias al-

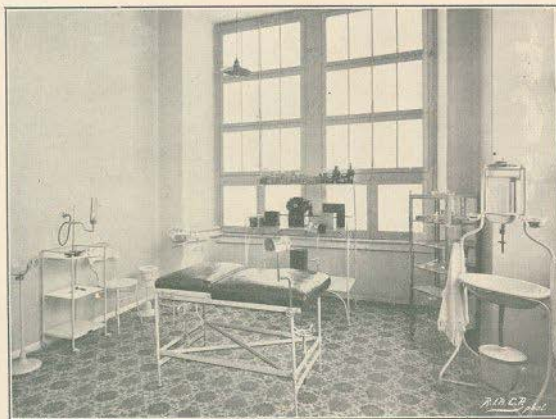
A inoculação da vaccina

Sala de consulta

bergar mais do que cincoenta enfermos de raiva e aquelles que excedem este numero são distribuidos pelo governo civil, Albergue Nocturno e outras casas de recolhimento. No systema do tratamento acompanha-se dia a dia as descobertas do movimento scientifico mundial e empregam-se os resultados de estudos proprios, pois que entre os estabelecimentos do genero o Instituto de Lisboa, pelos trabalhos e competencia dos seus directores, alcançou uma justificada primasia.

O movimento de doentes desde a fundação do Instituto é o seguinte:

Em 1893, 367 individuos; em 1894, 419; em 1895, 585; em 1896, 738; em 1897, 374; em 1898, 341; em 1899, 516; em 1900, 651; em 1901, 763; em 1902, 867; em 1903, 909; em 1904, 1018; em 1905, 1294.

O Instituto Pasteur em 1902 tratou 1106 pessoas e em

1904 apenas 757, contando-se numerosos estrangeiros. O Instituto Koch de Berlim por uma população de 50 milhões de individuos não recebe mais de 200 enfermos por anno. O movimento do Instituto de Lille foi em 7 annos de 1807 individuos e no de Pernambuco em 4 annos e meio receberam curativo 589 pessoas.

Devido ao methodo do tratamento pela applicação do systema Pasteur modificado pelo Instituto Koch e pelas experiencias proprias, a mortalidade pela raiva constitue uma verdadeira victoria scientifica. Se a principio andou por tres mil actualmente está reduzida a *zero*. Este resultado, é preciso ponderar, só se obtem pelo tratamento preventivo. A simples suspeita de um caso de raiva, o abatimento do animal impõe-se immediatamente, enviando-se a cabeça para o Instituto a fim de lhe ser feita a analyse. Os concelhos que maior contingente de raivosos enviam ao Instituto são Lisboa, Santarem, Leiria, Braga e Coimbra. O que menos se faz representar é o Algarve e muitos concelhos d'esta provincia nunca ali tiveram um unico doente.

Nos Açores e Madeira não se manifestam casos de raiva, estando ali estabelecida uma quarentena para os cães, depois que uma epizootia em 1902 atacou uns trezentos que chegaram a morder quasi cem pessoas da parte meridional da ultima ilha.

Ao entrarmos no Instituto Bacteriologico recebeu-nos essa manhã o dr. Athias, que ia principiar o curativo dos raivosos. Uma extensa fila ladeando o corredor aguardava o momento proprio para o tratamento. Uma empregada, vestindo a sua bata hospitalar, ia fazendo a chamada e pondo por ordem os doentes. O medico dirige-se ao seu gabinete particular, enverga a sua bata e faz os preparativos para a operação. Entrámos para a sala onde os doentes recebem o curativo. Além do medico, assistem a enfermeira da raiva D. Maria Augusta Batalha e dois empregados que auxiliam o serviço.

Uma enfermaria de raivosos

São 153 as pessoas que se sujeitam ao curativo. O dr. Athias vae dando as injecções, emquanto nós o interrogamos sobre o assumpto da nossa visita.

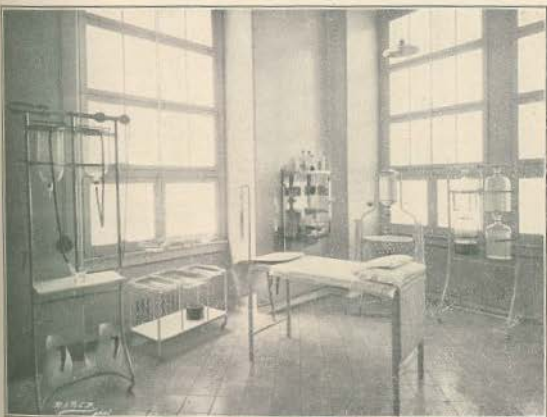
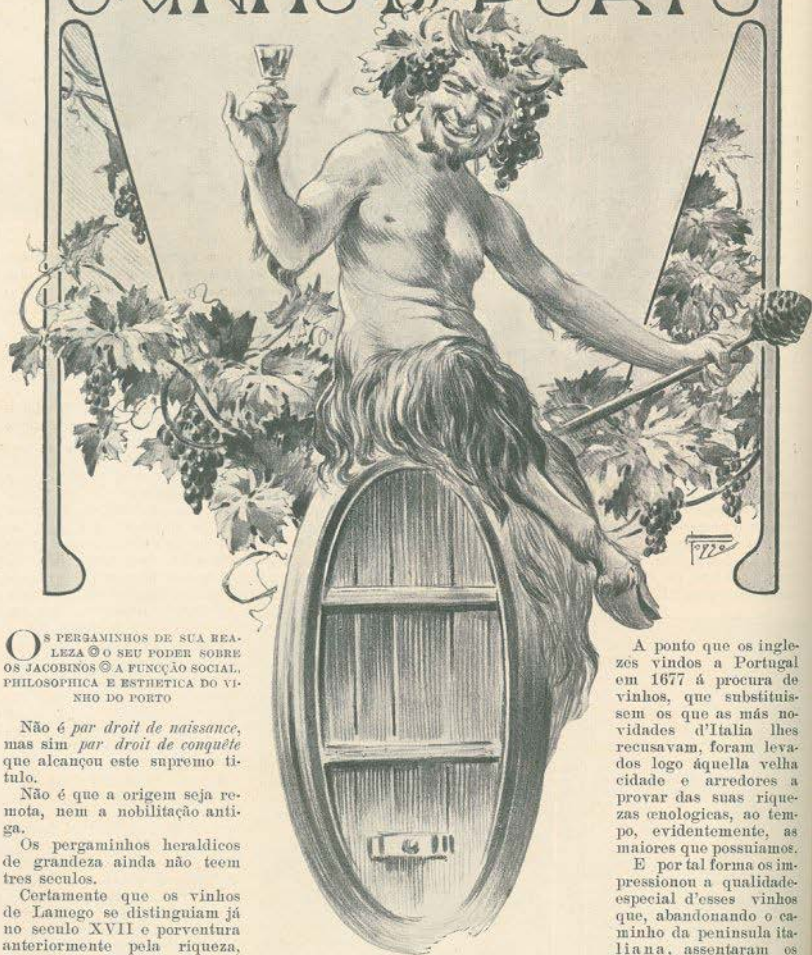
Ao vermos o numero consideravel de doentes e ao manifestarmos a nossa surpreza, diz-nos o distincto medico:

—Pois n'um só dia já aqui tratei 194!

—Póde dizer-nos, doutor, o que se torna urgente fazer para diminuir esse numero?

—Cumprir a lei! Quando em 1897 se tomaram providencias energicas, a proporção dos atacados reduziu-se a metade, como se póde examinar pelas estatisticas. Cumprindo a lei rigorosamente, o mal alastrar-se-ha cada vez menos. O que se torna urgente fazer é que as auctoridades locaes exerçam uma vigilancia constante, nos termos que temos indicado. Não é só nas cidades que o cão vadio deve ser perseguido, nas aldeias deve ainda duplicar esse cuidado. Se extinguir o mal se torna quasi impossivel, reduzil-o a proporções minimas é facil, quando as auctoridades nos grandes centros e os proprios habitantes dos pequenos logares se empenhem pelo bem estar de todos. Este desleixo constitue uma terrivel ameaça d'um grande perigo que já está produzindo os effeitos manifestados pelas estatisticas.

O dr. Athias, que nos tem recebido de uma maneira captivante, diz-nos finalmente:

—Conhece já os dados estatisticos, acaba de assistir a este espectaculo e de vêr o numero consideravel de enfermos; pois para que tudo isto se modifique não é preciso inventar, basta cumprir a lei.

Sala de operações

Os pergaminhos de sua realeza — o seu poder sobre os jacobinos — a funcção social, philosophica e esthetica do vinho do Porto

Não é *par droit de naissance*, mas sim *par droit de conquête* que alcançou este supremo titulo.

Não é que a origem seja remota, nem a nobilitação antiga.

Os pergaminhos heraldicos de grandeza ainda não teem tres seculos.

Certamente que os vinhos de Lamego se distinguiam já no seculo XVII e porventura anteriormente pela riqueza, flavôr e preciosidade de suas colheitas, mas dos vinhos de Traz-os-Montes não despontára ainda a fama, nem a cepa ascendera ainda ás alcantiladas serranias que bordam o Douro.

A ponto que os inglezes vindos a Portugal em 1677 á procura de vinhos, que substituissem os que as más novidades d'Italia lhes recusavam, foram levados logo áquella velha cidade e arredores a provar das suas riquezas œnologicas, ao tempo, evidentemente, as maiores que possuiamos.

E por tal forma os impressionou a qualidade especial d'esses vinhos que, abandonando o caminho da peninsula italiana, assentaram os mercantes arrayaes entre nós e justamente no porto de mar ligado com aquella região beirôa pelo rio Douro, que facilitava e barateava extraordinariamente os transportes.

Os socalcos de uma vinha

E os vinhos em logar de tomarem o nome originario de Lamego, que mais propriamente lhes era devido, adoptaram o da cidade exportadora—Porto—onde são tratados, melhorados, modificados antes de seguir viagem e com que são conhecidos e admirados em todo o mundo.

O clima e a agrologia d'aquella cidade e seu termo não teem nada d'especial; os seus vinhos eram os mais negros, saccharinos e

Descendo o Douro

alcoolicos do reino, isto é,—julgado por um paladar moderno,—os mais impotaveis.

A origem é pois modesta ou vulgar, pois que necessaria foi a intervenção de elementos estranhos e até exoticos, para que o seu nome brilhasse e dominasse pelo esplendor na côrte dos vinhos europeus, acima e áparte dos Xerez, Marsalla, Chypre, Chateau Iquem, Steinberg, Tokay e outros.

E esse logar privilegiado conquistou-o pelo seu merito adquirido no Porto; a sua realeza incontestada impoz-se, após a permanencia n'esta cidade pela força do seu complexo aroma, do sabor avelludado, do seu espirito capitoso, realeza tão poderosa, tão persuasiva que obrigou os cidadãos da França republicana, membros do jury na Exposição de Paris de 1900, a exclamar que esse vinho se devia beber, antes haurir, de joelhos!

Em pleno seculo XX democrativo e egualitario, quando n'um paiz de monarchia tantas vezes secular como o nosso, apenas se ajoelham aos pés do rei os conselheiros d'Estado no dia em que pela primeira vez entram em funcções, a genuflexão perante o vinho do Porto de uma aggremiação de jacobinos é bastante significativa do seu

Quinta do Vezuvio

estranho poder régio, conquistado pela energia dos seus perfumados argumentos, pelo pomposo deslumbramento dos seus etheres, pela argucia do seu espirito, pela sympathia da sua coloração quente, pela doçura do seu caracter.

Desembarque na quinta de Roriz

As plantações da Quinta do Roriz

Um vindimador

A caminho da Quinta de Roriz, (no 1.º plano, o sr. D. Luiz de Castro)

Uma montanha cultivada

Casa da Quinta do Sibio

A funcção social dos vinhos cultos está nos jantares. E aqui o vinho do Porto é o fecho da cupula d'essa instituição, é toda a philosophia d'essa obra physiologica e esthetica com que se embelleza a necessidade grosseira mas eterna do alimento.

E assim como o Rei é a expressão suprema de uma nacionalidade monarchica, d'um jantar o paladar supremo é o do vinho do Porto, sempre real.

A designação dos vinhos que hão de acompanhar determinados pratos ou manjares, não é obra caprichosa da moda, obedece a imprescriptiveis leis de harmonia ou de contraste tendentes sempre, com uma logica rigorosa não só a deliciar o paladar, a espiritualisar o acto de comer, mas tambem a facilitar a digestão e a desenvolver o appetite.

Brilhantemente algures o demonstraram o nosso illustre agronomo sr. Jayme Batalha Reis e o hygienista francez sr. professor Bouchardat.

Com a sopa serve-se o Madeira, o Xerez, o Carcavellos, o Marsalla. O peixe ou o nosso cozido tão simples é acompanhado por vinho branco de pasto, descórado de côr, ingenuo, pouco alcoolico, com uma pontinha de acidez, um Serradayres, um Bucellas como manda Deus, um Graves, um Chably.

Os vinhos tintos de pasto, os Bordeus, os Borgonhas, os Collares, os Termos, os Torres, frescos, lembrando a uva, ou mais fortes, de gostos mais incisivos, veem com as carnes e com os guisados e ou uns ou outros conforme o grau de tempero, de *puxado* do seu cozinhado ou dos seus môlhos.

Os espumosos, os champanhes entram com a peça final de resistencia, como que estabelecendo um contraste agradabilissimo entre a força do prato e a leveza do vinho carbonico que aligeira o peso do assado.

Fructas e dôces finalisam o jantar, sabores finos e delicados deixam os ultimos perfumes na bôcca, as derradeiras impressões, as mais gratas d'uma verdadeira obra d'arte. É então que entra sumptuoso de compleição, Sua Magestade o Vinho do Porto, para dar n'uma orchestração maravilhosa a verdadeira e ultima nota de goso ao paladar, impressionado por tantas sensações

Uma travessia no rio Douro, em frente á Quinta de Malvêdos

varias e necessitado de resumir, de condensar n'uma synthese luxuosa as impressões globaes do jantar.

Essa poderosa synthese é o vinho do Porto que a dá como um monarcha dá a impressão do seu povo e da sua terra.

OS REGIOS THESOUROS DE GAYA © O PAIZ DO VINHO © OS GRANDES SENHORES E AS GRANDES QUINTAS

PARA se avaliar a opulencia de Sua Magestade é necessario provar nos thesouros de Gaya esses maravilhosos vinhos, que *põem a alma no seu logar*, essas preciosidades de fama universal, inimitaveis nas suas marcas nobres, esses nectares que só podem produzir as condições especialissimas de terreno, de clima e de exposição que se encontram no Douro.

É preciso, com toda a pragmatica protocollar, chegar aos labios, levar com a lingua ao ceu da bôcca, todas as amostras das gammas mais altas dos seus typos de vinho, desde o que está em formação ainda, até ao *tonney*, ao perfeito, ao completo e mais além, até, por exemplo, ao notavel 1847 da casa Graham, até ao 1812 que se vende a 20$000 réis a garrafa e ao 1834 da Ferreirinha, até, finalmente, ao preciosissimo vinho da Companhia do Alto Douro cuja data se perde no seculo XVIII em tempos proximos da sua fundação!

Só depois d'essa iniciação se deve ir á terra d'esses vinhos reaes, assim como os devotos que depois de iniciados no christianismo vão de longada á Terra Santa.

Vamos a isso, leitor amigo.

Surge então esse paiz vinhateiro do Douro, esse paiz encantado d'onde o vinho brota da rocha aos golpes de alvião de Titans esforçados de corpo e d'espirito, desdobram-se as margens d'esse rio cuja agua depois de dar á cepa a humidade que a vivifica ainda provê o vinho d'um meio facil de transporte até aos armazens de Gaya

Lagares da Quinta de Malvêdos (casa Graham & C.ª)

n'esses pittorescos, artisticos, soberbamente elegantes barcos *rabelos*, que fazem o encanto da paysagem duriense.

E a nota d'Arte, meus amigos, enaltece, ennobrece, espiritualisa tudo aquillo em que toca!

A subida desde o Porto até ao Vesuvio no comboio e depois a descida do Douro em barco até ao Pinhão, são jornadas de effeito deslumbrante, que se gosam como um verdadeiro regalo de deuses.

A passagem abrupta da região granitica, onde as terras ligeiras, fôfas, siliciosas, faceis de trabalhar, onde a abundancia de agua permittem uma cultura variada e verdejante, para a região schistosa, de paysagem austera e secca, a despeito do rio que deslisa ao lado da linha ferrea, á uma surprehendente mutação de scenario que se opera nas alturas de Barqueiros e impressiona sempre o viajante.

Entramos no «paiz vinhateiro do Alto Douro», n'esse Alto Douro tão apertado e injustamente limitado pelo marquez de Pombal e que o padre Camello—destruindo a barreira granitica do Cachão da Valleira—estendeu até Barca d'Alva, até ás vinhas do Senhor... Guerra Junqueiro, fazendo ouvir aos vinhedos comprehendidos entre a fronteira hespanhola e aquelle ponto o magico *ranger da espadella* que a voz do povo diz ser condição imprescindivel para a cepa dar o mais fino vinho.

Chegamos á quinta do Vesuvio «que é o elegante transumpto ao Douro» como na sua linguagem vernacula a define o visconde de Villa Maior. A criação e organisação d'esta propriedade assim como as de todas as da casa Ferreirinha, constituem um dos emprehendimentos mais salientes na historia da agricultura portugueza, a que o vulto gracil de uma mulher notavel dá maior relevo e destaque. Foi a senhora D. Antonia Adelaide Ferreira quem adquiriu essas vagas quintas e essas largas charnecas incultas, quem edificou os seus edificios, as suas officinas modelares, quem mandou plantar a vinha e a oliveira, o laranjal e as amendoeiras, quem gastou centenas de contos a fundar e mais centenas a replantar depois da invasão phylloxerica, quem pagou a construcção de kilometros d'estradas, quem formou essa exploração agricola que chega por vezes a ter em trabalho mil operarios e era ella ainda quem nos ultimos annos da sua longa, benemerita vida, velhinha mas vivissima, percorria todas as suas quintas, fiscalisando, mandando, dirigindo.

Essa obra continuada hoje no Vesuvio pelo seu opulento proprietario sr. Antonio Bernardo Ferreira, com não menores intelligencia e diligencia, espantou os congressistas da imprensa quando em 1898 ali foram recebidos principescamente n'uma festa de imperecivel memoria de que elles ainda hoje falam e escrevem enlevados.

Vamos depois á foz do Tua seguindo a nossa peregrinação duriense, de quinta em quinta, pelas de Malvêdos e do Sibio, respectivamente propriedades dos srs. J. Graham & Com.ª e José Duarte de Oliveira.

As duas quintas, a de Malvêdos debruçada sobre o rio, o que, n'aquelle ponto o mesmo é dizer, debruçada sobre as sezões, a do Sibio mais para o interior, cercando pittoresca habitação, na Costa do Castêdo, assentam ambas, como aliás todas que visitâmos, sobre os caracteristicos schistos cambricos do Douro, bastante friaveis, de inclinação variavel, trabalhados pelos agentes atmosphericos e pela picareta, com relativa facilidade.

N'esta propriedade é curiosissima para um ampelographo a visita das vinhas, pois ali se encontra uma vasta collecção de castas nacionaes e estrangeira sa darem provas comparativas do seu valor.

Não que acreditemos na utilidade que para o Douro possa resultar da introducção de novas cepas na sua vinhataria; pelo contrario. Sempre que nas escarpadas encostas durienses descobrimos *Bouschets* e *Carignanes*, *Pinots* e *Cabernets*, ou mesmo *Arinthos* e *Trincadeiras*, protestamos sempre *in petto* contra essa barbaridade, esse attentado de lesa-magestade, de intrometter na côrte dos vinhos portuguezes esses elementos plebeus de vinhos de pasto.

Deixe-se imperar o *Alvarelhão*, o *Tourigo*, as variadas *Tintas carvalhas. francisca, amarella, cão, carneira*, o *Mourisco*, o *Souzão*, as notabilissimas velhas castas tradicionaes como no Vesuvio, no Roriz, sacrifique-se sempre á qualidade a quantidade se se quer manter o lustro e a fama de Sua Magestade o vinho do Porto.

Na quinta do Roriz para onde descemos, embarcados, rio abaixo, entre as escar-

pas outr'ora todas viridentes dos pampanos da vinha, hoje ainda apenas mosqueadas de manchas verdejantes que lentamente alastram, na quinta do Roriz, diziamos, encontrâmos o que se poderá chamar uma *reconstituição rica*. Bellos muros de supporte construidos com toda a arte para resistirem seculos; manutenção integral das antigas cepas indigenas e nas mesmas proporções em que assentaram e enalteceram o famoso nome da propriedade; estrada macadamisada servindo toda a vinha; aguas bem procuradas, aproveitadas e conduzidas; lagares commodamente renovados em nivel superior á adega, parte d'ella subterranea ..

É este um dos dominios que mais honra a agricultura da região e do paiz e que consagra a intelligencia, o saber agronomico e a riqueza do seu dono sr. Christiano Wanzeller, que mantem assim como o sr. A. B. Ferreira e todos os grandes proprietarios do privilegiado paiz, as tradições de bizarra ,larga e franca hospitalidade das quintas solarengas do Douro.

A Rueda, a quinta Amarella, a quinta das Carvalhas são os ultimos estadios da nossa peregrinação... ao reino d'Israel, iamos dizendo, ao reino do vinho do Porto.

Na quinta das Carvalhas acha-se a replantação completa, e mais alguma coisa: um dos exemplares mais perfeitos da agricultura duriense moderna. Bellos vinhedos, bons olivaes; lagares bem ordenados, fabrico racional, completamente remodelado, do azeite; vinificação, como deve ser, pelos processos classicos mas melhorados.

Querendo avaliar-se o Douro rico, o Douro opulento, o progresso da lavoura da região, o dominio inegualavel do rei dos vinhos, é imprescindivel visitar Carvalhas, Roriz e Vesuvio.

Foi o que fizemos.

Dr. Antonio Bernardo Ferreira

D. Antonia Adelaide Ferreira

Dr. Christiano Van-Zeller

SUA MAGESTADE NA HISTORIA — GRANDEZAS, VICISSITUDES E DECADENCIAS D'UM REI — DO MARQUEZ DE POMBAL AO SR. MARQUEZ DE SOVERAL

FELIZES aquelles que não teem historia, disse alguem. O vinho do Porto tem historia; quem sabe se por isso é agora infeliz! Como as historias de reis, tem grandezas e decadencias, tem guerras e paz, heroes e martyres, calumnias e traições, tem luxos e miserias, revoltas e forcas, tratados, estadistas e até frades intrigantes! Grandezas em fins do seculo XVII, quando a exportação sobe em quinze annos de 408 pipas a mais de 13:000: decadencias quando de 60$000 passou a pipa do vinho do Douro a vender-se no septenato de 1750 a 1756 por 10$000 réis; opulencias para a zona privilegiada durante a vigencia da «Companhia geral de Agricultura das vinhas do Alto Douro», miserias para as regiões durienses collocadas fóra da demarcação pombalina.

Riquezas nos trinta e dois annos que vão de 1757 a 1789, quando as exportações attingem a media de 23:200 pipas, maior riqueza durante o periodo agitado da revolução franceza e do cyclo napoleonico, perturbando o commercio europeu e fazendo derivar para Portugal as compras de vinhos que a Inglaterra fazia n'outras paragens, o que originou vendas de perto de 67:000 pipas e uma media de mais de 45:700 pipas.

Pobreza ao quebrar-se o annel bronzeo com que Napoleão apertava a Grã-Bretanha espalhando esta novamente por todo o mundo as compras que tinha concentrado aqui; maior pobreza durante as guerras entre D. Pedro e D. Miguel, decadencia quando em 1832 caducou o tratado de Methuen que nos dava tarifa de favor para os nossos vinhos e finalmente funda miseria, mais que miseria, ruina, derrocada do *paiz do vinho* com a invasão phylloxerica logo em seguida aos intensos ataques do oidio.

Habituado a guerras, a invasões seguidas de bons dias de auspiciosa paz, os subditos de Sua Magestade o vinho do Porto não perderam a coragem e á custa dos maiores sacrificios, dos mais ingentes esforços, com a vinha americana levantaram novamente no Douro esses thronos de verdura tenra feitos de parras e de pampanos, que substituiram as brenhas onde outr'ora se caçava o urso e o javardo ou que resguardavam a terra aspera e ressequida por onde a phylloxera passára como fogo.

Os homens que tal fizeram são verdadeiros heroes no sentido contemporaneo da palavra. Maior prova de heroicidade é dar vida a miseras populações e promover a riqueza publica com sacrificio de saude e dispendio de energias do que espalhar a morte nos campos de batalha e levar a ruina ás nações.

Mais crédor da nossa admiração é o padre Antonio Manoel Camello, da Pesqueira, pelo heroico esforço que, no reinado de D. Maria I, praticou applicando sua vontade e sua intelligencia á demolição do rochedo que interrompia o curso do Douro em S. Salvador do Mundo, do que qualquer d'esses cabos de guerra que a Historia desde meninos ensina as gentes a venerar. Aquelle espalhou felicidade e bem estar em zona até então privada de gosar das vantagens da cultura da vinha no Douro, abençoou assim muitos lares miseraveis e deu muito pão a esfomeados; estes semearam desgraças onde havia ventura e tiraram a vida a quem lhe tinha direito.

Heroes foram Domingos Martins Gonçalves e José Antonio de Barros, unicos deputados da Companhia Geral da Agricultura e Commercio dos Vinhos do Alto Douro, que durante os setenta e oito annos da sua vida privilegiada apenas n'esses homens encontrou «bastantes luzes e um coração bem feito, capaz de grandes emprezas e cheio de um amor desinteressado da sua patria», tratando d'alguma coisa mais em proveito do paiz do que de gosar em quietação serena os interesses do exclusivo. De tal ordem eram esses interesses que em vinte e tres annos duplicou o seu fundo, repartindo-se annualmente mais de 12 por cento dos primeiros capitaes, independentes dos enormes dispendios da administração «a mais complicada, a mais dispendiosa e menos simples que na classe commerciante se póde imaginar» (*) conforme se diz nas memorias economicas da Academia Real das Sciencias.

A Martins Gonçalves e a José de Barros não soffreu o animo essa commoda

(*) «.... para que se possa ao menos formar uma ligeira ideiade quanto era monstruosa essa organisação basta dizer como se compunha o pessoal do seu governo: um provedor, nove deputados, seis conselheiros e um secretario; um desembargador juiz conservador, um desembargador fiscal, um escrivão, um meirinho e numerosos caixeiros, feitores, administradores, commissarios e seus escrivães, officiaes, provedores, etc.»

Quinta do Noval, do sr. Christiano Van-Zeller

sinecura e mettendo-se heroicamente a trabalhar, — e não é pequeno heroismo deixar o descanço pelo cansaço — alcançaram «a gloria de abrir uma estrada nova ao consumo». Devido á sua decisão e esforço «navegarão-se alguns vinhos nossos e aguas ardentes para o Baltico, com muito successo e grande vantagem do commercio nacional».

Heroes foram na historia do vinho do Porto os commissarios veteranos nos territorios do Douro que, em setembro de 1754 e em carta aberta endereçada aos poderosos commissarios inglezes residentes no Porto, tiveram a ousadia de defender, contra accusações injustificadas d'aquelles negociantes, os vinhateiros esmagados por elles.

A Feitoria Britannica pretendia lançar sobre os lavradores do Douro a responsabilidade da decadencia e ruina da fama dos vinhos do Porto. A esta insolita accusação retruquem os nossos homens, que foi com os inventos e instrucções da Feitoria que se fraudou essa reputação. «O vinho da Feitoria sobre bom tinha passado ao estado de melhor; quizeram que excedesse ainda mais os limites, que lhe facultou a natureza, e que sendo bebida, fôsse um fogo potavel nos espiritos, uma polvora incendida no queimar, uma tinta de escrever na côr, um Brazil na doçura e uma India no aromatico...» E os bons e heroicos veteranos contam por miudos como os mercadores inglezes ensinavam a obter esse horror com o «diabolico invento» de carregarem as massas, com vinhos de baga, aguardente e doçura. Ignoro que martyrios infligiram a esses vassallos os senhores da Feitoria, nem mesmo é preciso rebuscar nos archivos, para o martyrologio da historia do vinho do Porto, a sorte que tiveram esses portuguezes de antes quebrar do que torcer. No episodio do hespanhol Don Bartholomeu Pancorvo enriquece-se elle bastante para podermos dispensar aquelles elementos. Este commerciante, intelligente, audaz e parece que bom, chegado ao Porto em meiados do seculo XVIII, vendo como decrescia assustadoramente a exportação, ameaçando de completa ruina o commercio portuense e a região do Douro, ideou um projecto grandioso destinado a travar o curso dos acontecimentos e a fazel-os arripiar caminho até ás epocas de prosperidade. A base d'esse plano era uma grande companhia. Não só a intriga e a calumnia dos avidos e gananciosos commissarios estrangeiros lhe impediram a execução da idéa, como um frade, enredador e mexeriqueiro lh'a roubou introduzindo-se-lhe na privança e conseguindo obter d'elle todos os pontos da sua obra que pressuroso e subserviente foi communicar ao primeiro ministro de D. José. Apropriando-se da idéa o grande estadista fundou a «Companhia Geral de Agricultura e Commercio dos vinhos do Alto Douro» cujo estatuto ficou defeituoso por não ter sido inteiramente conforme com o plano castelhano. Pancorvo, calumniado, roubado, acabou por ser empobrecido e morto.

Querendo beneficiar o Douro, pagando justiceiramente os régios vinhos que os inglezes estavam amesquinhando com preços de miseria, adquiriu tal quantidade por altos dinheiros que a liquidação foi a ruina. E o pobre martyr morreu angustiado de desgostos e garrotado pela miseria por ter querido tanto a Sua Magestade o Vinho do Porto, que, como todos os reis, segundo dizem, foi ingrato para quem tanto o tinha amado e servido.

E este ainda esteve afortunado, porque suppõe-se ter morrido no seu leito. Por causa do vinho do Porto subiram muitos ao patibulo em consequencia da revolta do povo d'aquella cidade contra o monopolio do fornecimento das tabernas pela companhia, revolta violentamente afogada em sangue por ordem de Sebastião José de Carvalho.

E desde Pombal até ao sr. marquez de Soveral todos os ministros do Rei de Portugal o tem sido de Sua Magestade o Vinho do Porto.

D'elle se teem occupado mais ou menos insistentemente, mais ou menos vagamente, ora tocando-lhe com mão de ferro como fez o senhor de Oeiras, ora com mão de velludo como faz o senhor de Sidró, homem nado e criado no régio Douro.

Eis o poder, eis os dominios e eis a historia do rei dos vinhos.

Ninguem de bom gosto deixa de o acclamar quando apparece.

Reune em surprehendente e estranha harmonia, tôrno a si, homens de todas as côres politicas, religiosas, economicas e philosophicas.

Nenhum monarcha tem conseguido até hoje, nem conseguirá nunca, essa unanimidade de apreço e de dedicações. É um raro e grande rei, o vinho do Porto! Curvêmo-nos submissos e embevecidos perante Elle e esperemos em Deus, Nosso Senhor, quenunca, n'este valle de lagrimas, sejamos privados do divino regalo de oscularmos devotamente o calice d'onde Sua Magestade trasborda para bem da Humanidade.

D. LUIZ DE CASTRO.

O ENSAIO GERAL, EM S. CARLOS, DA CANTATA SACRA «SANTA IGNEZ», MUSICA DO MAESTRO LUIZ MANCINELLI

O maestro Luiz Mancinelli e os seus interpretes

AS LEGAÇÕES DE PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

II

A LEGAÇÃO DE S. PETERSBURGO

O facto novo e por muitos titulos interessante de subir brevemente á scena em S. Petersburgo, n'um salão da Embaixada de França armado em theatro, uma comedia escripta em francez pelo encarregado de negocios de Portugal junto da côrte slava, — dá actualidade ás curiosissimas notas que se seguem ácêrca da nossa legação na Russia.

A diplomacia portugueza tem poetas e homens de lettras pelos quatro cantos do mundo: Antonio Feijó, ministro em Stokolmo e *orfèvre-ès-rimes*, é um poeta de raça; Alberto de Oliveira, ministro em Berne, é o apreciavel prosador das *Palavras Loucas;* ainda ha pouco Eça de Queiroz, o Pontifice do naturalismo entre nós, era nosso consul em Paris; já hoje Antonio Bandeira, encarregado de negocios em S. Petersburgo, interessante e complicado espirito d'artista, tem uma comedia representada pela *troupe* do «Theatro Imperial» no mais nobre salão da Embaixada de França junto do Tzar e dos Gran-Duques. É sem duvida uma fina e singular consagração, esta que vae receber Antonio Bandeira: ha n'ella qualquer coisa do seculo XVIII, em que os grandes politicos e os grandes diplomatas representavam Crebillon atraz d'um biombo de seda, e em que as grandes Rainhas desciam, cheias de joias e de rendas, a fazer-se applaudir no *Casamento de Figaro*...

O «chasseur» da Legação

A vida diplomatica na Russia, intimamente ligada á vida da côrte, soffreu, naturalmente, a mesma evolução que esta, e perdeu muito do seu antigo pittoresco.

No emtanto, uma e outra conservarão ainda por largo tempo o seu cunho aristocraticamente original. Na sua raiva de nivelamento e banalisação, o Progresso terá ainda muito que luctar para fazer perder á Russia a sua originalidade.

O solo, o clima e a raça conserval-a-hão, atravez todas as campanhas tolstoianas para a internacionalisação do mundo.

O povo russo tem o fétichismo do Tzar e do brilho que o cerca. Esse fétichismo é tão innato n'elle que ainda ha pouco, durante o *anno vermelho* que a Russia atravessou, os actos mais crueis da revolução, os massacres e os tiroteios nas barricadas, eram como que praticados pelos proprios revolucionarios, sob a effigie do Tzar e dos santos icones de formas byzantinas!... Nos campos, os lavradores revolucionarios, antes

O sr. Antonio Bandeira no gabinete de trabalho da Legação

de incendiarem os palacios dos senhores boyardos e de abaterem as florestas seculares de bétulas, benziam-se tres vezes e animavam-se uns aos outros, gritando: «—É para bem do nosso paesinho!» *Paesinho* é a forma como tratam o Tzar...

Não é raro ouvir o povo de S. Petersburgo e de Moscow deplorar que a côrte se tenha retirado para Peterhof e Tzarskoe-Selo, e já não atravessem as ruas da cidade os trenós e troikas, de formas e côres caprichosas, tirados ao trote largo dos cavallos do Don, e conduzindo, n'um relampejar de oiro e pedras e plumas, que era o enlevo dos olhares da multidão, os gran-duques e os imperadores da Russia.

No emtanto, como dizemos, a vida da côrte, a vida mundana moscovita, ainda tem muito do inconfundivel *cachet* que a impôz aos chronistas dos tempos antigos. Para que elle desappareça será mister dizer á neve que não caia, aos zimborios doirados que não brilhem, ás fontes de Peterhof que não corram, á imaginação slava que ador-

Um trenó de chefe de missão diplomatica em S. Petersburgo.

meça, ás tradições que se apaguem, ao Kremlim que perca a sua imponencia ou ao Neva que deixe de gelar!

Por esse facto, a vida quotidiana, mesmo dos estrangeiros que habitam a Russia, ainda não se parece com a dos que habitam as outras grandes capitaes. Desde a *toilette* á cozinha, desde as carruagens aos restaurantes, tudo ali mantem ainda a sua originalidade.

Mas onde sobretudo ella se observa é nas grandes ceremonias em que a côrte toma parte, e póde dizer-se que ella toma parte em todas.

Sem terem do tzar Paulo I as exigencias que o faziam exilar os aulicos que trouxessem um colete contra o seu gosto, ou aprisionar os *gardes-à-cheval* que apresentassem um botão fóra da casa, os tzars modernos mantem apertadas as obrigações dos cortesãos, no que respeita a etiqueta e o decorativo.

Qualquer simples recepção ou *cercle diplomatique* no Palacio de Inverno ou no de Tzarskoe-Selo é revestida de todo o ceremonial, pintalgado de côres, doirados e plumas, de librés de serviçaes e archeiros, e de uma variedade infinita de uniformes *chamarrés*, que são um dos caracteristicos da côrte moscovita — desde a sobrecasaca doirada e o bastão de fitas azues dos mestres de ceremonias, até ao calção branco, botas *à ecuyère* e elmo de aço dos pagens da Imperatriz, aos alamares doirados e ás platinas de bombas de oiro dos hussares, ao kepi de cinta vermelha dos Préobrajensky, ao capacete de aguia de oiro dos Couraceiros amarellos, etc!

Nenhuma ceremonia na Europa se compara, em luxo, protocollo e *mise-en-scène*, á da coroação dos Tzars na cathedral d'Assumpção, do Kremlim. O fallecido conde de Ficalho, que figurou como embaixador extraordinario do Rei de Portugal na coroação do actual Tzar, dizia nunca ter visto, nas ceremonias de côrte a que assistiu, um brilho comparavel ao d'aquella.

O mesmo se póde dizer dos bailes *parés* no palacio da Hermitage, dos jantares no Palacio de Inverno, dos casamentos e baptisados dos granduques ou Tzarévitches, nas sumptuosas cathedraes de Kasan e de Santo Isaac.

Intimamente ligado a toda a vida da côrte, o corpo diplomatico em S. Petersburgo contribue poderosamente, com as suas oito embaixadas e vinte legações, para o brilho da vida mundana moscovita. Está claro que não falamos dos ultimos tres annos, em que a guerra e a revolução transformaram temporariamente o posto de S. Petersburgo em um posto difficil e perigoso, em que o luto e o terror se substituiram ao prazer e ao luxo. Mas esse periodo é uma excepção e é de esperar que, com o restabelecimento da paz no Extremo-Oriente e a abertura da Duma legislativa, a vida no Imperio dos Tzars voltará ao seu antigo e interessante movimento, e todas as tardes, sobre a neve do Caes da Côrte, se cruzarão como outr'ora as carruagens imperiaes, com os seus co-

Five-o'clock na Legação. — Da esquerda para a direita: Norman, secretario da Inglaterra; madame Zélénoy; conde de Montgelas, secretario d'Allemanha; Constantin Zélénoy, ajudante de campo do Tzar; Madame Caissart De-Grelle; Cobranchi, conselheiro da embaixada d'Italia; Antonio Bandeira

cheiros de chapeus bicornes, e os trenós dos diplomatas, com os seus *chasseurs* de chapeus de plumas e facas de matto a tiracollo; e, como nos tempos da princeza de Lieven, «*les belles dames traineront sur la neige leurs longues queues et leurs immenses charmes...*»

A rapida, passageira impressão que acabamos de dar da vida em S. Petersburgo bastará para mostrar as difficuldades sem fim em que se verão ali os diplomatas portuguezes, para bem honrarem o nome do seu paiz.

Pois actualmente a situação dos nossos diplomatas é ainda mais precaria, sob esse ponto de vista, e é realmente para nos orgulhar o sabermos a boa situação, por vezes excepcional, que a maior parte dos representantes de Portugal no estrangeiro teem sabido conquistar por toda a parte.

A Russia é talvez onde a exiguidade dos vencimentos mais se faz sentir. Como a moeda base é o rublo (2 francos e 60 centimos) e a aspereza do clima e aridez do solo impõem innumeros cuidados de installação, difficuldades de transporte, etc., e, como o espirito da população é largo em materia de dinheiro, a vida é carissima, por vezes insensatamente cara!

Fachada do predio onde está installada a Legação, na Moxovaia

O diplomata portuguez é actualmente, senão o menos bem retribuido do mundo, um dos que vence menos retribuição. Uma serie de economias feitas nos ultimos annos no orçamento do Ministerio dos Negocios Estrangeiros ainda o collocaram em peor situação do que a do grande Sottomaior, que, sendo ministro na Suecia, officiava ao então Ministro dos Negocios Estrangeiros. «Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.— A ultima reforma d'essa Secretaria, tendo ainda reduzido os vencimentos d'esta Legação, o representante de Sua Magestade n'esta Côrte, quando tenha de pagar a renda da casa, não terá com que pagar a alimentação, e quando cuidar em remediar a esta, não poderá satisfazer aquella. Na indecisão em que me encontro, entre morrer de fome ou morrer de frio, rogo a V. Ex.ª se sirva dizer me por qual das mortes me manda optar o governo de Sua Magestade.»

Bastará citar ao acaso alguns preços para que o leitor faça uma idéa dos prodigios orçamentologicos que terão de inventar os ministros portuguezes n'aquella Côrte, com os seus magros vencimentos, para bem representarem o paiz.

Um fauteuil para o bailado, para a opera, ou para a companhia franceza custa 10 rublos, ou sejam 5$000 réis, nas recitas ordinarias; um jantar de *table d'hôte* custa, sem café, nem vinho, nem fructa, 2$000 réis; uma carruagem custa por mez 160$000 réis; uma casa de dez a quinze divisões custa dois contos de réis por anno. Parece fabula, mas quem já tenha passado por S. Petersburgo poderá attestar a veracidade do que affirmamos.

Por esse facto, aggravado com a aspereza do clima, a nossa Legação ali tem, n'estes ultimos

annos, sido dirigida por um grande numero de funccionarios e mudado varias vezes de séde. Como, porém, da parte d'elles tenha havido sempre uma apreciavel boa vontade e da parte do governo e da sociedade russa uma captivante lhaneza na maneira de os receber, não só as boas relações politicas e commerciaes entre os dois paizes não teem mudado com a substituição de diplomatas, mas muitos d'estes ali deixaram as melhores impressões. Não é raro, por exemplo, ouvir falar com saudade, na sociedade russa, do conde de S. Miguel, do barão de Santos e do conselheiro Agostinho d'Ornellas, para não falar senão dos mortos, porque dos vivos teriam de citar-se os nomes de quasi todos os que por ali teem passado nos ultimos annos, como ministros, encarregados de negocios, secretarios ou addidos.

Actualmente, a Legação compõe-se dos srs. Alfredo Alcino de Castro, como ministro, e do sr. Antonio Bandeira, como 1.º secretario.

O sr. Alfredo de Castro, que por dois motivos desagradaveis, a morte de seu pae e o mau estado da sua saude, se encontra forçadamente ausente do seu posto ha um anno, tem, na sociedade de S. Petersburgo, uma situação excepcional e invejavel. Intelligente, excellente conversador e *bridgeur* impeccavel, póde dizer-se que é o diplomata mais *répandu* n'aquella capital. Não só o Tzar, a Tzarina e os Gran-Duques o honram amiudadamente com a sua preferencia, mas toda a alta sociedade de S. Petersburgo segue esse exemplo.

O sr. Alfredo de Castro começou a sua carreira como addido de legação, sendo nomeado por decreto de 16 de dezembro de 1886. Admittido a servir na legação de Paris, ali se conservou até 1890. Em 1890 entrou no concurso para secretarios, obtendo uma boa classificação e sendo admittido, por portaria d'aquelle anno, a exercer as funcções de segundo secretario em Paris, para onde partiu em 27 d'outubro. D'ali seguiu para Londres, em dezembro, ficando encarregado de negocios até fevereiro. Em 30 de julho de 1891 foi nomeado segundo secretario da legação no Rio de Janeiro. Transferido pouco depois para Londres, tomou posse do seu novo logar em junho de 1892.

Como se sabe, era então ministro em Londres o sr. marquez de Soveral. Este illustre diplomata, apreciando no mais alto grau as condições de trabalho e qualidades de caracter do novo secretario, que estava servindo sob as suas ordens, nomeou-o seu secretario particular quando, em 1895, tomou conta da pasta dos estrangeiros, e referendou, em 28 de novembro d'esse anno, o decreto que promoveu o sr. Alfredo de Castro a primeiro secretario em Londres, para onde este partiu em fevereiro de 1896. Ali se conservou n'essa categoria até 1901, sendo então, por decreto de 19 de outubro, promovido a enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Russia, tomando posse d'essa legação em fevereiro de 1902.

O sr. Antonio Carlos dos Santos Bandeira começou a sua carreira em 1900, como addido de legação, em serviço no gabinete do ministro e depois na Direcção dos Negocios Politicos e Diplomaticos. Em 1901 foi, como addido, na embaixada extraordinaria enviada a Madrid ao casamento da Princeza das Asturias. Em dezembro d'esse anno foi nomeado, precedendo concurso, segundo secretario da embaixada em Roma. Tendo vindo a Lisboa, em 1903, em goso de licença, fez parte do secretariado particular do sr. conselheiro Wenceslau de Lima, então ministro dos negocios estrangeiros, sendo este illustre estadista quem, em 17 de outubro de 1904, referendou o decreto que promoveu o sr. Antonio Bandeira a primeiro secretario de legação. Tendo continuado em serviço na secretaria, foi mandado, em abril do anno passado, gerir a legação de S. Petersburgo, durante a ausencia do respectivo ministro. Ali se conserva ainda, como encarregado de negocios, á data a que escrevemos.

❀

A Legação de Portugal n'esta côrte, não tendo casa propria, (o que de resto succede, infelizmente, a todas as nossas Legações), a sua séde tem variado com os diversos diplomatas que a dirigiram.

Actualmente acha-se installada, pelo sr. Antonio Bandeira, em um andar do palacete Sasso-Ruffo, na Moxovaia, no bairro por assim dizer diplomatico de S. Petersburgo, onde estão intalladas as embaixadas de Inglaterra, Austria, França e America, e as legações da Suecia, China, Japão, Grecia, Servia e Bulgaria.

D'ella reproduzimos tres aspectos: o da frontaria, tirado em um dia de neve, vendo-se um trenó que estaciona á porta; o do salão principal, que é cercado de um alto lambris de acaju, forrado de seda *olive* e elegantemente mobilado, e o do gabinete de trabalho, em estylo inglez, além de um interessante aspecto colhido durante um dos *five-o-clock-tea* ali realisados este anno; o *chasseur*, Paul Konpriz, que faz serviço ha bastantes annos na nossa Legação, vestindo a curiosa farda a que acima nos referimos; e um trenó de chefe de missão diplomatica em S. Petersburgo, com o seu caracteristico cocheiro, de casacão forrado de pelles com tres divisas doiradas formando angulo nas costas e no peito, e o seu *chasseur*, em uniforme de grande gala.

Esta ultima photographia, tirada nos arredores de S. Petersburgo, dá bem a nota, a um tempo desoladora e alegre, do campo russo durante as grandes nevadas do inverno.

LUX MEA

Lux mea, mea vita!...

Ha na luz d'aquellle olhar
Não sei que magua bemdita
Que me vem suavisar!

Lux mea, mea vita!...

Quando aquelle olhar me fita
Eu não sei o que elle tem...

Lux mea, mea vita!

Quando aquelle olhar me fita,
Ai que tristeza infinita!
Não a vejo em mais ninguem!

Lux mea, mea vita!

Na tristeza do luar
Ha uma vaga doçura...
—E' assim aquelle olhar!

Tem sonhos e faz sonhar...

N'aquelle olhar de amargura
Passam sonhos a boiar,
Como nuvens pela altura!

E a alma fica suspensa
D'aquella tristeza immensa!...

Noiva que procura o par,
Alma que quer ser amada,
Anceosa por voar
E vivendo enclausurada,
Como a noiva da balada,
A quem o pae tinha presa
N'uma velha fortaleza...
N'isto me fico a scismar,
Ao vêr a magua bemdita
Que derrama aquelle olhar!

Oh meu tristissimo olhar!

Lux mea, mea vita!...

Amor! Amor!... Anciedade!
Astro de luz que palpita,
Aguia real que se agita
Em busca da liberdade!
—Sonho de amor! Sonho grande!
Por onde a vida se expande,
Como por praia infinita
Se espraia a onda do mar...

Oh meu tristissimo olhar!

Lux mea, mea vita!

N'uma estrada illimitada,
Por onde eu vou caminhando,
Esse olhar suave e brando
Illumina toda a estrada!
Vou pasmado, a vacilar,
Como quem anda á procura
D'uma altissima ventura,
Que não se póde alcançar!
—E' como um sol que gravita
A uma distancia infinita,
A ventura a gravitar
No fundo d'aquelle olhar!

Oh, meu tristissimo olhar!

Lux mea, mea vita!

JOÃO SANT'IAGO PRESADO.

III — A TORRE DE GERAZ

As ruinas do velho solar dos Machados, em S. Martinho de Ferreiros, concelho da Povoa de Lanhoso, pertencem ao sr. conde da Figueira, digno representante dos antigos senhores de Entre Homem e Cavado.

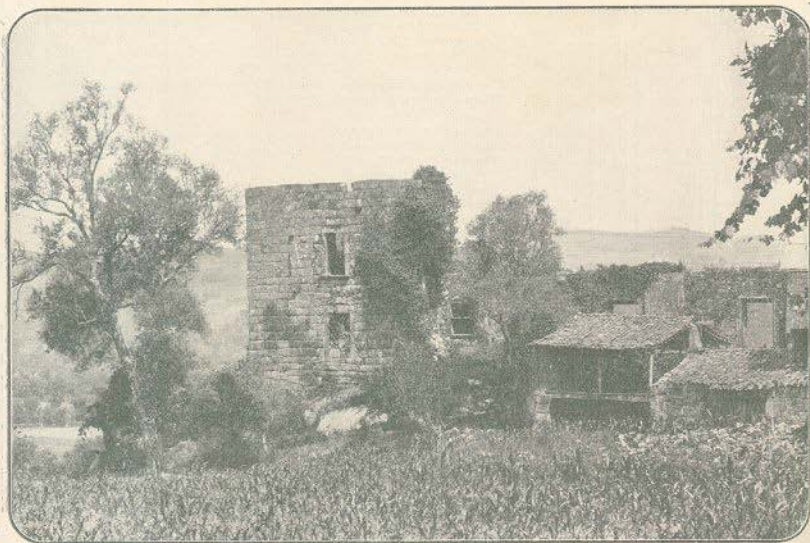
A explosão d'uma bomba revolucionaria não causaria maiores estragos n'este monumento aristocrata do que o pacifico e hereditario abandono dos seus illustres possuidores; mas a torre solarenga deve principalmente a sua ruina á impericia do ignorado architecto que lhe abriu, nos fins do seculo XVI, novas janellas, monstruosas e irritantes. A decadencia da Arte coincidiu com o lastimoso periodo em que a historia d'esta nobilissima familia tem paginas de sangue.

No solar e torre de Castro, melhor se ouve o lugubre carpir dos seus chronistas, mas o echo repete ao longe quanto basta para se explicar a reedificação da casa de Geraz e a infeliz reparação da sua torre.

Francisco Machado não via com bons olhos sua filha D. Margarida, unico fructo do seu primeiro casamento; e, por sua vez, a filha tinha manifesta repugnancia ao assassino de sua mãe D. Maria da Silva.

E' certo que o bilioso fidalgo pretendeu desherdar a filha primogenita; mas havia juizes na terra, sem prejuizo da jurisdicção celestial que frustrou a vingança planeada, dando uma morte precoce á infeliz Joanninha, filha do segundo matrimonio de Francisco Machado.

Se os maldizentes acertam, os amores de D. Margarida, seduzida pelo seu joven preceptor, acalentaram as intrigas da madrasta; e Francisco Machado conservou até á morte todo o rancor que a filha lhe inspirára.

Por obito de seu pae, D. Margarida Machado devia succeder na grande casa dos senhores de Entre Homem e Cavado; mas o procurador da coróa oppoz-se á posse das terras e jurisdicção que a coróa havia confirmado a seu pae, e sua madrasta, D. Maria de Mello, recusou-se a entregar-lhe a casa de Castro.

(Cliché do sr. João San Romão)

A demanda com a coróa durou desde 1582 a 1622; e a questão com D. Maria foi uma lucta á mão armada. Manuel de Araujo e Sousa, marido de D. Margarida, cançado pelo insuccesso do cerco que durante mezes fazia á casa de Castro, usou de afortunadas manhas e conseguiu apoderar-se do seu invejado castello.

Em 1596, D. Margarida Machado vivia, com seu marido, na torre de Geraz, onde devia ter nascido o 1.º Marquez de Monte-Bello, precursor do abbade de Poruzêllo, na evangelisação de patranhas genealogicas.

Uma só geração habitou a casa nobre então construida e a torre reparada para aposento seguro dos pretendentes da casa de Castro e do senhorio de Entre Homem e Cavado.

José Machado.

IV

O TUNNEL PARA A OUTRA BANDA

Na estação do caminho de ferro *Lisboa-mar* via-se um edificio cylindrico, com uma unica porta envidraçada e illuminado a luz electrica, quer de dia quer de noite.

Era o ascensor do tunnel atravez do Tejo. Entremos. Fechada a porta começou-se a descer rapidamente. A atmosphera ia-se tornando incommoda; uma tira de papel reagente tomara uma linda côr amarella e então um guarda desandou uma torneira. Uma corrente de oxygenio purificou o ambiente, ao mesmo tempo que a potassa caustica, em grandes recipientes recobertos de grades, se ia apoderando do vapor de agua e do anhydrido carbonico.

Durou esta descida dois minutos, findos os quaes os passageiros se encontraram a cem metros abaixo do nivel da estação.

Ali, uma espaçosa camara circular abobadada e profusamente illuminada a luz electrica servia de sala de espera do comboio do sul.

Não contava aquelle tunnel mais de 6:327 metros de extensão, dos quaes 2:200 por debaixo do rio.

A obra tinha sido projectada e executada por engenheiros portuguezes e levára cinco annos a fazer em condições extremamente difficeis. Quem primeiro teve o arrojo de a estudar foi o engenheiro de minas Silvestre Ferreira. Consagrou muito tempo a sondagens e estudos statigraphicos, de que concluiu que seria possivel executar o trabalho, embora algumas duvidas se lhe offerecessem, dada a origem vulcanica de certas rochas.

Organisou-se uma empreza que começou a perfuração muito para o sul do Alfeite, nas proximidades dos sapaes, a oeste do Seixal.

Descia de alí o tunnel até attingir a cota de 98 metros abaixo da linha de praiamar. Erupções vulcanicas de outras eras deixaram a rocha extremamente fendilhada, de maneira que as aguas com que se não contava em tamanha quantidade, ao attingir aquelle nivel, prejudicaram os trabalhos á medida que se descia.

Tamanha era a confiança todavia nos estudos geologicos executados, que nem por sombras se pensou em desistir da empreza. No emtanto, mezes houve em que se não avançaram mais de tres a quatros metros na perfuração do tunnel, protelando-se por isso o ataque do lado de Lisboa.

Por essa epocha, o engenheiro Cyrillo de Moraes apresentava a perfuradora automatica, manobrada com agua em pressão, aproveitando assim a que resudava em abundancia das paredes do tunnel. Ao mesmo tempo, o engenheiro Julio Garcez propunha o systema de revestimentos com grandes tubos de chapa de ferro, aperfeiçoamento do conhecido processo do escudo.

As aguas, de inimigas que eram, transformaram-se em humildes escravas dos engenheiros e as perfuradoras caminharam maravilhosamente atravez do miocenio em que assenta a villa de Almada.

Estava-se quasi a attingir a cota em que o tunnel devia continuar em patamar, quando se deparou com uma enorme falha que dava passagem a um verdadeiro rio subterraneo, com mais de cincoenta metros cubicos de caudal por segundo, descendo quasi que a prumo, em cataracta. Era impossivel com a violencia da corrente fazer traba-

lhar ali o escudo e escusadas eram as perfuradoras. Foi preciso vedar a toda a pressa com chapas de ferro e cimento a galeria de avanço do tunnel. Os engenheiros, os geologos, todos os constructores portuguezes e estrangeiros discutiram, examinaram, argumentaram a este proposito. O *Seculo*, o *Arauto*, o *Progresso*, as *Novidades*, todos os jornaes diarios tomaram conta da questão, discutindo alvitres diversos. Os empreiteiros não queriam desistir, mas encontravam-se ante uma difficuldade talvez insuperavel. Via-se para breve a fallencia da empreza. Lembrava-se a conveniencia de substituir o tunnel por uma ponte do typo da do Forth, na Escocia, indo tomar o nivel ao sul, nas alturas de Almada, e de lado do norte passando em viaducto sobre Lisboa até ás proximidades de Campolide.

Ainda foi o engenheiro Julio Garcez que encontrou a solução do problema. Começou pelo revestimento com formigão armado de toda a parte do tunnel já construida, ampliando o diametro da galeria. Em seguida viram alguns curiosos que fóra do tunnel, mas muito bem orientada com o seu eixo, se construiu uma machina composta de dois discos parallelos dispostos verticalmente. Na peripheria dos discos encontravam-se egualmente distribuidos tubos de ferro, todos perfurados e ligados com uma machina de compressão do ar e com uma betoneira.

Desceu-se cuidadosamente a machina ao longo do tunnel até á frente do escudo de avanço.

Ali as perfuradoras começaram a trabalhar abrindo furos que logo eram occupados por um dos tubos da machina. Como assentavam sobre a peripheria dos discos, podiam os tubos resvalar sobre elles. A introducção de cada um d'elles no orificio aberto pela perfuradora não prejudicava o trabalho subsequente para a abertura dos outros furos. Ligava-se então o tubo com uma machina compressora de ar a doze atmospheras, de maneira que a agua, que se pretendia combater, era desviada d'aquella abertura. Os tubos, que tinham quatro metros de comprimento, penetravam apenas até metade da sua extensão na camada aquosa e quando todos estavam bem aparafusados ao disco da frente começou a trabalhar a betoneira. A' luz das lampadas electricas que illuminavam o estaleiro viu-se então um phenomeno singular. A' medida que se fabricava, ia sendo injectado o formigão atravez dos tubos, cuja primeira metade estava perfurada.

Aquella massa pastosa espalhava-se oleosamente atravez da agua e ia formando um revestimento.

O chimico Hermano das Neves encontrara propriedades notaveis de preza na reunião da naphta a cimentos de um fabrico especial, cujo processo ainda era exclusivo da Empreza dos Cimentos da Apertella, empregados n'aquella obra.

A betoneira e as machinas de ar comprimido trabalharam simultaneamente sem descanço durante mais de cinco horas, não se poupando o material. N'isto pára tudo. O engenheiro Julio Garcez e o chimico Hermano das Neves mandaram retirar toda a gente, ficando elles unicamente junto das machinas.

Durante tres horas foi grande a anciedade á bocca do tunnel. Alguns mais impacientes queriam approximar-se. Todos apuravam o ouvido, retendo a respiração e olhando para o fundo do poço em declive. O disco, que ficara á retaguarda do ataque, projectava uma sombra opaca, atravez da qual nada se lobrigava.

Nem um ruido se ouvia. O empreiteiro consultava a todos os instantes o relogio, approximava-o do ouvido.

Muitas vezes avançara para a bocca do tunnel, mas hesitava em ir de encontro ás ordens formaes do engenheiro. Quando viu que o relogio marcava quatro horas menos dez minutos, não poude mais ter mão em si. Deitou a correr para junto d'aquelles que estavam talvez mortos, afogados, porque as forças brutaes da natureza eram mais potentes do que o genio inventivo. Tropeçou mais de uma vez em pedras e em materiaes espalhados no caminho. Todas as lampadas electricas estavam apagadas por ordem expressa dos dois inventores.

Ao cabo de doze minutos angustiosos, em que o echo dos proprios passos lugubremente perturbava o silencio medonho do tunnel, pareceu-lhe ouvir o gorgolejar de uma corrente de agua. Parou, hesitou um instante. O suor corria-lhe pela testa, as pernas tremiam-lhe convulsivamente e assomou-lhe uma lagrima aos olhos. «Estão perdidos» pensou; e continuou mais veloz na sua correria.

Quiz gritar, a voz embargou-se-lhe na garganta.

Mais adiante foi um som cavo que lhe despertou a attenção. Pareceu-lhe o ruido de um alvião cavando a terra para abrir uma sepultura. Apressou o passo, tropeçou n'um vagonete. Atravez da peripheria do disco pareceu-lhe vêr luz. Avançou mais depressa. Não se enganara. Ouviu então perfeitamente a voz de Hermano das Neves que dizia muito socegadamente:

—Faltam apenas doze minutos para tentarmos a ultima experiencia.

—Vamos primeiro vêr se não passa agua por aquella junta, — retorquia não menos tranquillamente o engenheiro.

O empreiteiro a custo reprimiu um grito de alegria e retirou-se para a bocca do tunnel.

Arquejava, as forças que até então tinham reagido de encontro aos transes por que passára abandonaram-no. Para não cair encostou-se a um operario e só após alguns minutos é que poude contar aos informadores dos jornaes, avidos de noticias, o que vira e o que ouvira.

Recrudesceu a anciedade. O que seria a ultima experiencia?

Ainda faltavam vinte e dois minutos para poderem voltar ao tunnel.

O capataz e o empreiteiro já mal continham os operarios. Os curiosos iam-se accumulando. De Lisboa chegavam vapores carregados de passageiros, que falavam em arrombar as vedações do estaleiro.

O telegrapho, o telephonio e um semaphoro estabelecido no forte de Almada mandavam noticias para Lisboa de minuto em minuto. Os pombos correios do serviço de informações do *Seculo* atravessavam o rio quasi que uns apoz outros.

Só faltavam cinco minutos, quatro, tres, mas foi já impossivel conter os operarios. O empreiteiro precipitou-se á frente d'elles para o escuro tunnel, todos de roldão, e só o capataz teve a presença de espirito bastante para se demorar a desandar o commutador, para accender as lampadas electricas.

Do fundo do tunnel, em breve echoou um enorme viva, uma gritaria extraordinaria.

SEIXAL
22
SEIXAL
22

Fóra do estaleiro, o povo ouviu. Pareceu-lhe um grito de angustia. Não houve forças que o contivessem. Sem se saber como nem de onde appareceram martellos, picaretas e machados. O tapume de vedação do estaleiro voou em astilhas. Ainda houve um instante de hesitação nos que estavam á frente; mas, impellidos pelos que lhes ficavam na retaguarda em breve se encontraram na bôcca do tunnel no proprio momento em que saiam d'elle os operarios, rindo, cantando, soltando vivas, e pouco depois appareciam Julio Garcez e Hermano das Neves aos hombros de operarios, que disputavam entre si a honra de carregarem com os dois triumphadores.

Subiu então o delirio ao supremo auge. Todos queriam abraçar os dois inventores. Os *kodacs*, as *detectivas*, todas as machinas photographicas, nas mãos de amadores e de profissionaes focaram a scena.

De ahi por deante os trabalhos progrediram com bastante regularidade.

Ao chegar ás proximidades da margem direita, na passagem do miocenio para os basaltos, as difficuldades subiram de ponto. As nascentes de agua quente e de agua sulfurosa a todo o instante impediam o trabalho. Entretanto, em 5 de junho de 1994, inaugurava-se solemnemente a estação subterranea de Lisboa nas linhas do sul.

N'esta linha havia comboios de cinco em cinco minutos, para ligação de Lisboa á Outra Ban-Banda e tambem á estação subterranea vinham ter os comboios de luxo do Alemtejo.

As locomotivas para serviço do tunnel tinham uma fórma singular. Eram precedidas por um cone muito agudo com o vertice voltado no sentido da marcha. A base do cone circuitava o tunnel, mas em toda a superficie conica apenas havia tres aberturas no sentido das geratrizes. Uma para o conductor da electricidade suspenso na parte superior do tunnel e as outras duas para a passagem sobre os carris.

As carruagens de luxo da linha alemtejana eram todas illuminadas a luz electrica, de corredor lateral, com seis pares de rodas todas em *boggies* de maneira que se amoldavam aos raios das mais apertadas curvas. N'uma das extremidades do carro havia um quarto de *toilette* com todos os regalos e confortos da civilisação. Não se percebia trepidação alguma graças ás combinações das molas de suspensão e aos amortecedores hydraulicos das vibrações.

Cada compartimento não tinha mais do que quatro logares e os passageiros podiam ir n'elles sentados ou deitados como melhor lhes aprouvesse.

Quando o comboio se punha em marcha é que os passageiros percebiam para que é que servia o cone que precedia a machina. Occupando toda a superficie transversal do tunnel, fazia pressão sobre a camada de ar que tinha em frente de si e que resvalava ao longo da superficie, escapando-se pela peripheria e pelas ranhuras já descriptas. Fazendo o vacuo atraz de si, forçava o ar exterior a descer pelos poços de ventilação, renovando assim a atmosphera, mas a corrente electrica actuava tambem possantes bombas de compressão de ar, embora não fosse insufficiente o systema de ventilação adoptado.

Bastaram tres minutos para que o comboio parasse na estação do Seixal, saindo ali poucos passageiros e nós com elles, porque tinhamos que vêr coisas muito interessantes, entre as quaes o estaleiro em que se construiu o nosso conhecido *Gil Eannes*.

MELLO DE MATTOS.

O maestro Saint Saëns ao piano, n'um ensaio em S. Carlos

O regresso da actriz Virginia ao theatro

A REPRESENTAÇÃO D'«OS VELHOS», EM D. MARIA, NA NOUTE DE 7 DE ABRIL

Através os Pyrineos em automovel

De regresso da sua aventurosa viagem atravez a Europa, chegaram a Sevilha no seu magnifico automovel *Dion-Bouton*, em que foram de Lisboa a Constantinopla, os srs. Antonio Praia e Augusto Bruges. Uma das *étapes* mais difficeis e arduas da audaciosa jornada, já hoje celebre nos annaes do sport automobilista, foi sem duvida a travessia dos Pyreneus. Saindo de Nice para Marselha nos ultimos dias de março, o automovel percorreu successivamente Antibes, Cannes, Regios, Seluc, Brignoles, Auriolles, sendo esse longo trajecto feito debaixo de continuada chuva, por estradas cobertas de neve. Em Marselha demoraram-se os viajantes tres dias, seguindo depois para Aix, Nimes, Montpellier, Brasleduc, Méze, Montgnac, Beziers, Narbonne, Sylau e Perpignan, onde pernoitaram, partindo na manhã seguinte, sempre com mau tempo, para Millar, Vinca, Prades e Olette. A partir d'esta ultima povoação, a estrada começa a subir até Mont-Louis, n'uma altitude de 1:600 metros. Quando o automovel chegou porém a 1:300 metros acima do nivel do mar, desencadeou-se uma tormenta de neve. O automovel caminhava com extrema difficuldade. As rodas trazeiras do vehiculo resvalavam constantemente na neve. A certa altura, o carro ficou encravado no gelo, em plena montanha n'um sitio ermo, á beira de um precipicio e a quatro kilometros da povoação onde os viajantes projectavam descançar.

Tornava-se necessario tomar uma resolução. O sr. Augusto Bruges partiu a pé para Mont-Louis, de onde mandou, algumas horas depois, quatro cavallos para arrancar o automovel do fundo atoleiro de neve. De Mont-Louis, onde pernoitaram, continuaram os excursionistas, no romper do sol do dia seguinte, a sua accidentada jornada pelos Pyreneus, indo almoçar ao quartel dos carabineiros de La Molina.

A neve não deixára, porém, de cair abundantemente e, quando o sr. Antonio Praia pretendeu recomeçar a viagem, tornou-se necessario fazer acompanhar o automovel de dois homens munidos de pás e picaretas para abrir caminho. As estradas que atravessam os Pyreneus, n'esta região, são accidentadissimas, tendo em muitos pontos uma inclinação de mais de 15 °/₀. Depois de algumas horas, o automovel parou no alto de uma montanha, de novo immobilisado pela neve, que os homens eram já impotentes para remover. Eram 7 horas da noite. A neve caía sempre. Tranzidos de frio, na espectativa de passarem a noite ao relento, os homens despediram-se. Envoltos nas suas pelliças, os srs. Antonio Praia e Augusto Bruges interrogavam-se sobre o que haveria a fazer. Um nevoeiro densissimo envolvera as montanhas n'um sudario espesso. Então, diante da inutilidade de quaesquer esforços, os viajantes resolveram abandonar o automovel e, munidos de lanternas, seguiram a pé para a povoação mais proxima, distante 6 kilometros, onde chegaram altas horas

da noite, gelados e exhaustos, como se viessem caminhando desde o polo.

Foram necessarios quatro cavallos pa-ra arrancar, como das outras vezes, o automovel do seu carcere de gelo. E esses pobres animaes de carga conduziram a passo, até Ribas, onde já não havia neve, aquella maravilha da mechanica, orgulho da civilisação contemporanea, que desde Lisboa, atravez toda a Europa, vinha devorando 38:000 kilometros com o unico impulso do seu motor de gazolina.

São as photographias de algumas das peripecias d'esta travessia aventurosa, tiradas pelos illustres excursionistas, que a «Illustração Portugueza» hoje tem o prazer de offerecer aos seus leitores, documentando

assim um dos mais notaveis commettimentos de *sport* automobilista tentado por portuguezes e até hoje sem precedentes na Europa.

Giordano *Mancinelli* *Saint-Saëns.*

JANTAR OFFERECIDO PELO SR. PACINI NO DIA 6 DE ABRIL AOS MAESTROS SAINT-SAENS, GIORDANO E MANCINELLI

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO
GRANDES ARMAZENS DO CHIADO
GRANDES ARMAZENS DO CHIADO
PREÇOS DAS FABRICAS
NUNES DOS SANTOS & C.
GRANDES ARMAZENS DO CHIADO
Estação de verão
O fornecimento de fazendas e novidades, um sortimento monstro comprado no estrangeiro, e que é o mais assombroso e extraordinario que até hoje se viu em Portugal, e nenhum outro estabelecimento do paiz póde apresentar nada que se lhe compare porque os
Grandes Armazens do Chiado
estão em relações directas com as fabricas estrangeiras de maior importancia as que estabelecem a moda.
Todo o fornecimento da estação é completamente novo não havendo fazendas de estações anteriores e a melhor garantia d'isto é o terem os GRANDES ARMAZENS DO CHIADO pouco tempo de existencia não tendo por isso stocks antigos.
Só visitando a GRANDIOSA EXPOSIÇÃO se poderá fazer uma ideia das novidades maravilhosas que vieram para os
Grandes Armazens do Chiado
HABILITAE-VOS
AO
Chalet
Ideal
N.º 2
Que a loteria
está á porta

Companhia Franceza do Gramophone

NOVAS COLLECÇÕES SENSACIONAES

Artistas de todo o mundo todas as celebridades

OS CHEFS D'ŒUVRES de todos os maestros glorificados: Adam, Beethoven, Berlioz, Bizet, Delibes, Donizetti, Gounod, Meyerbeer, Mozart, etc., etc.

AS VOZES de todas as divas celebres e de todos os cantores laureados

Sons com toda a nitidez, pujança e clareza

A melhor, a mais verdadeira, fiel e a mais barata bibliotheca artistica é um

GRAMOPHONE

e uma collecção de discos impressos com as vozes dos artistas preferidos.

A **Companhia Franceza do Gramophone,** Largo da rua do Principe, 8, 1.º, satisfaz promptamente todos os pedidos que lhe sejam dirigidos, bem como fornece catalogos e esclarecimentos.

Agente no Porto: Arthur Barbedo, largo de S. Domingos, 12, 1.º—**Agente em Braga:** Manuel Antonio Maneiro Gomes